



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## A Segunda Guerra no Mar: considerações sobre os Ataques Submarinos entre Bahia e Sergipe em agosto de 1942

Dilton C. S. Maynard<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa os desdobramentos dos ataques submarinos realizados pelo submarino nazista *U-507*. Entre os dias 16 e 17 de agosto de 1942, cinco embarcações mercantes foram afundadas pelo submarino nazista, provocando centenas de mortes e manifestações dos brasileiros em diversas cidades do país. O principal desdobramento dos ataques foi a declaração de guerra do Brasil à Itália e à Alemanha. Tendo sido um espaço que experimentou as consequências diretas da tragédia marítima, Aracaju, capital de Sergipe, foi palco de batidas policiais, de notícias desencontradas, de saques a corpos sem vida, de prisões, perseguições a brasileiros e a estrangeiros. Neste artigo, refletimos sobre as motivações para o desenrolar das ações em Sergipe e os desdobramentos daí decorrentes. São utilizados periódicos nacionais e internacionais, memorialistas e produções audiovisuais como fontes privilegiadas.

**Palavras-chave:** Ataques Submarinos; Brasil; Segunda Guerra Mundial.

## World War II at Sea: considerations on the Submarine Attacks between Bahia and Sergipe in August 1942

**Abstract:** The article analyzes the consequences of submarine attacks carried out by the Nazi submarine *U-507*. Between the 16th and 17th of August 1942, five merchant ships were sunk by the Nazi submarine, causing hundreds of deaths and demonstrations by Brazilians in various cities across the country. The main outcome of the attacks was Brazil's declaration of war on Italy and Germany. Having been a space that experienced the direct consequences of the maritime tragedy, Aracaju, the capital of Sergipe, was the scene of police raids, mismatched news, looting of lifeless bodies, arrests, persecution of Brazilians and foreigners. In this article, we reflect on the motivations for the development of actions in Sergipe and the resulting consequences. National and international periodicals, memorialists and audiovisual productions are used as privileged sources

**Keywords:** Submarine Attacks; Brazil; World War II.

## A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

Entre os dias 16 e 17 de agosto de 1942, em águas da Bahia e Sergipe, no nordeste do Brasil, ocorreu a série de ataques submarinos que provocaria mortes, dor, revolta e o encaminhamento da declaração de guerra do país ao Eixo<sup>II</sup>. Subitamente jogados ao mar, passageiros e tripulantes de navio mercantes nacionais foram envolvidos pela escuridão e pelo desespero. Atordoados, os que sobreviveram aos ataques tiveram que nadar em meio aos destroços, tendo os olhos agredidos pelo óleo que vazava das embarcações. Não bastasse todo o tumulto gerado pelo naufrágio, muitos enfrentaram as adversidades do mar com a incerteza sobre o destino dos entes queridos<sup>III</sup>.

E naquelas noites violentas de agosto, ao menos entre Sergipe e Bahia, o grande perigo aos navegantes não foi o vento, nem a chuva, tampouco o mar bravio, mas o unterseeboot 507, submarino Classe “IX C” da marinha alemã, chamado ou simplesmente U-507, um dos diversos *U-boats* nazistas em missões pelo Atlântico<sup>IV</sup>. Em seu comando estava o *Korvettenkapitän* (Capitão-de-Corveta) Harro Schacht, de 35 anos. Saindo de Lorient (França), em 4 de julho, o U-507 fez outras vítimas em suas incursões anteriores. Pelo menos dez embarcações foram atacadas por Schacht e tripulação desde abril de 1942. No entanto, por questões técnicas e táticas, ele viu o seu submarino afastado durante semanas da participação em ataques<sup>V</sup>.

Depois de reparos necessários terem sido realizados e estando navegando sozinho, longe da “matilha”, Schacht explorou agudamente a liberação recebida em 7 de agosto daquele ano para realizar “manobras livres”. Na noite de 16 de agosto, foram atingidos o Baependy, o Aníbal Benévolo e o Araraquara. Na madrugada do dia 17, um domingo, torpedearam o Itagiba, que teve seus naufragos resgatados pelo Arará<sup>VI</sup>. Na ocasião, o *Kommandant* Schacht aguardou os naufragos subirem a bordo e, em seguida, também torpedeou aquela embarcação. As vítimas foram tragadas pelas águas e os sobreviventes levaram tempo para alcançar terra firme.

Naufragos do Baependy, do Aníbal Benévolo e do Araraquara, chegaram à Praia do Saco, em Estância, região Sul de Sergipe. Também apareceram corpos nas proximidades da Praia de Atalaia, em Aracaju. Corpos nus, mutilados, inchados, parcialmente comidos pelos peixes, manchados pelo combustível das embarcações tornavam a paisagem praiana um quadro de assombro e dor. O ataque matou tripulantes das embarcações e passageiros militares e civis. A tragédia assumiu tons ainda mais sombrios graças às muitas crianças mortas. No Baependy, embarcação com maior contingente (323 pessoas), que transportava filhos de oficiais do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, nenhuma delas sobreviveu<sup>VII</sup>. Para termos dimensão do ataque, até ali haviam morrido 135 pessoas nos afundamentos de 11 navios brasileiros vítimas de ataques durante os dias da Guerra, iniciada em setembro de 1939. Os ataques do U-507, entre Bahia e Sergipe, mataram mais de 600 pessoas, entre tripulantes e passageiros<sup>VIII</sup>. Era algo sem precedentes.

O cronista sergipano Santos Santana narrou o seguinte: “ao amanhecer o dia 20, começaram a chegar às areias das praias os corpos de adultos, tripulantes e passageiros dos navios, além de crianças quase todos filhos dos oficiais do Exército que faziam parte da unidade que estava sendo transportada pelo Baependy”<sup>IX</sup>. Outro cronista, Mário Cabral, registrou que

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

“houve torpedeamentos dos navios brasileiros, um após outro, em frente ao litoral sergipano, causando a morte de dezenas de crianças, mulheres e homens”<sup>X</sup>.

Com o atraso na chegada dos navios a Sergipe, aumentaram as suspeitas de um possível ataque. Por conta disso, o interventor solicitou ao presidente do Aeroclube local, Lourival Bomfim, que alguns dos seus integrantes sobrevoassem o litoral e fizessem reconhecimento. Os cinco aviões do Aeroclube<sup>XI</sup>, criado em março de 1939, foram utilizados para ajudar nas buscas. Os jovens aviadores foram os primeiros a avistar os destroços das embarcações. Conforme telegrama enviado pelo interventor a Getúlio Vargas: “uma esquadrilha de aviação daqui partiu pela madrugada encontrou na praia naufrago (sic) do vapor Anibal Benevolo e também salva-vidas pertencente aquele navio. Foi também encontrado baleeira n.4, do vapor Araraquara com 4 naufragos (sic)”<sup>XII</sup>.

Mas a notícia oficial sobre a tragédia tardou a chegar. O *Correio de Aracaju*, por exemplo, justificou-se: “em vista de necessitar a imprensa de autorização oficial para publicar notícias referentes ao torpedeamento de nossos navios, e porque essa autorização só chegou muito tarde, o ‘Correio’ não circulou ontem”<sup>XIII</sup>. Célula do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão considerado um “superministério” de Getúlio Vargas, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) viu-se obrigado a protelar a notícia.

Cabe lembrar que, meses antes dos torpedeamentos, o DIP emitiu diretrizes quanto ao sigilo e à discricção em torno de atividades marítimas ou eventos que pudessem causar alguma perturbação popular. Em 5 de abril 1942, o Diretor Geral do DEIP em Sergipe foi orientado por telegrama: “Reiterando instruções anteriores, solicito tomeis providências no sentido de não ser divulgada nenhuma notícia sobre ataque ou afundamento de navios de quaisquer nacionalidades em águas brasileiras. Saudações cordiais. Lourival Fontes”<sup>XIV</sup>. Consequentemente, o episódio conviveu com notícias desencontradas, nascidas do disse-me-disse dos cidadãos e com um silêncio imposto aos jornais locais.

Desobedientes ao DEIP e nascendo no burburinho e no assombro do desastre, as notícias dos naufrágios começaram a circular informalmente, boca a boca, e geraram rebuliço em Aracaju. Estudantes e populares saíram em passeatas. Houve gente que rumou para as praias, apelando ao patriotismo e decidida a ajudar. Mas também houve “patriota” que enxergou a chegada dos naufragos como uma oportunidade. Foi o caso de Horácio Nelson Bittencourt, conhecido como Nelson de Rubina<sup>XV</sup>, que aproveitou a confusão da tragédia e furtou três valiosos anéis do corpo de uma vítima<sup>XVI</sup>. Tudo indica que Rubina não deve ser visto como fato isolado. Corpos foram saqueados e parte significativa das mercadorias que chegaram às praias teve destino semelhante.

Foi o caso de Eduardo Alexandre Bauman, um segundo tenente convocado. Sabemos que algumas das suas joias foram “apreendidas em mãos de um individuo” na Barra de São Cristóvão. Após saquearem o corpo do rapaz de 27 anos, populares enterraram Bauman. O corpo, quando encontrado, apresentava “esmagamento parcial de partes moles – dos dedos anular e médio da mão direita e uma contusão da região frontal”<sup>XVII</sup>. Sua esposa, Eunice Neiva

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

Baumann, sobreviveu. Anos depois do fim da Guerra, em 30 de outubro de 1948, é possível identificá-la no pedido de emissão de Certidão de Óbito para o falecido marido<sup>XVIII</sup>.

Porém, prefere-se frequentemente seguir a interpretação construída pelas autoridades do período na qual “Governo e povo se ajuntaram aqui, mais democraticamente ainda, afluindo às praias a fim de levarem aos náufragos o amparo e a proteção do Brasil, e de proporcionarem sepultura aos mortos, com respeito, patriotismo e religiosidade”<sup>XIX</sup>. Os depoimentos de algumas testemunhas, no entanto, suscitam interpretações dessemelhantes. É o que narra, por exemplo, Dona Dedé (Maria Martinha Araújo): “Dinheiro muitos apanharam, moiado, era escolhendo as horas pra botar no Sol, quando pôr. E porque a gente via pobre e ficou bem de vida, ficou bem de vida, eles diziam que não foi daquilo não, foi do trabalho, mas todo mundo tava sabendo que foi daquele negócio, daquela miséria que teve”<sup>XX</sup>.

Diante da tragédia e da instalação de uma situação concreta de conflito, a cidade experimentou as tensões de mudanças repentinas em seu cotidiano e exigências que remodelariam hábitos. Afinal de contas, nada garantia que novos ataques não seriam realizados. As mudanças na rotina de Aracaju chegaram até as páginas do *New York Times* que, em 24 de agosto de 1942, noticiou: “The city of Aracaju, capital of the state of Sergipe will be blacked out nightly, and any person on the streets after 11 p.m will be arrested”<sup>XXI</sup>, informando sobre a adoção de blackouts programados e evidenciando a repercussão dos torpedeamentos de navios mercantes, em pleno litoral brasileiro, na imprensa estrangeira.

Aliás, para a imprensa internacional, os ataques ocorridos em Sergipe colocavam o Brasil como fator que poderia alterar o equilíbrio de poder na América do Sul e envolver nações como Chile e Uruguai no conflito. Havia expectativa também para saber como a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e Itália influenciaria a postura da Argentina. A *Newsweek* afirmou, em 31 de agosto, que a história estava a se repetir. Afinal de contas, após 25 anos, novamente um submarino alemão colocava o Brasil em conflito mundial. O mesmo veículo apontou, porém, um significativo diferencial entre os dois momentos: “The nation’s two marches to war diverged at one importante point. In 1917 the declaration of war was voted by Congress. President Vargas, who abolished it, made the decision himself”<sup>XXII</sup>. Contraditoriamente, o Brasil, nas mãos de um ditador, declarou guerra em prol da democracia.

O jornal *El Telégrafo* afirmou que o Equador, “al igual de los demás países de América, se ha sentido vivamente conmovido y hondamente indignado, ante el temerário y premeditado ataque de los submarinos alemanes al convoy de barcos mercantes brasileiros, que surcaba en tranquilo viaje territoriales del Brasil, muy cerca de la costa”<sup>XXIII</sup>. Em Cuba, o presidente Fulgêncio Batista assinou, em 28 de agosto, o Decreto-Lei n.2390, condenando o ataque. Os afundamentos foram o estopim para a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e Itália, naquele que foi descrito como o nosso próprio “Pearl Harbor”. Nas palavras de Neil Lochery, “the Americans described the losses as Brazil’s Pearl Harbor, and this comparison was spot-on”<sup>XXIV</sup>.

Por sua vez, Ernest Lindley (1899-1979) em texto para o *The Chicago Sun*, em 24 de agosto de 1942, escreveu o seguinte: “to most South Americans, the Pearl Harbor attack was a

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

remote affair. But the attacks on Brazil's shipping brought the war to the doorsteps of her neighbor. Brazil is the bulwark of South America on the coast"<sup>XXV</sup>. O há pouco mencionado *El Telégrafo* observou que o ataque significava um ato de guerra à toda América do Sul:

El hundimiento de esos cinco buques mercantes no sólo es una manifestación de los sistemas nazistas; sino constituye una acción directa de guerra, con la que parece que inicia Alemania una franca e indistinta beligerância contra las naciones de Sur America<sup>XXVI</sup>.

Tocada pela tragédia e pela expectativa dos ataques se repetirem, a capital sergipana viveu dias de tensão. Invasa por boatos de todo tipo, a cidade e seus habitantes assistiram aos “eixistas”, antes inexistentes, começarem a “aparecer” em quase todos os cantos. Daí a afirmação de que era preciso apontar os “inimigos do Brasil” em todos os lugares, inclusive nos bondes, clubes e cafés da capital <sup>XXVII</sup>. Por sua vez, o jornal *New Orleans State*, noticiou o ataque e apontou os riscos provocados pela presença de espões do Eixo no Brasil: “Their ships, engaged in coastwise commerce, have been torpedoed right off their shores. Many Brazilians were killed in these outrages. Axis spies and agents have been plotting in Brazil's own soil, and stirring up trouble for Brazil or Brazil's friend”<sup>XXVIII</sup>.

Consequentemente, com jornais do Brasil e do exterior falando na provável ação de espões do Eixo no caso dos torpedeamentos, uma série de suspeitas, mexericos e intrigas apareceu. Conversas de todo tipo podiam ser percebidas. Feixes luminosos projetados na escuridão da noite, na colina do Santo Antônio, zona Norte da cidade, assustaram muita gente e alimentaram mais notícias nos jornais, provocaram investigações (havia suspeitas de que a luz irradiava do mar). A leitura da documentação relativa aos desdobramentos do ataque no litoral sergipano indicia sobre o clima de desconfiança que se instalou na cidade, mas também evidencia a dificuldade em esclarecer as diversas hipóteses surgidas após a tragédia<sup>XXIX</sup>.

Os desdobramentos dos ataques do U-507 ganham complexidade e representatividade se considerarmos que, na América do Sul, poucas cidades sentiram tão de perto os efeitos da Guerra quanto Aracaju. Poucas viveram a triste experiência de assistir ao macabro arremesso de cadáveres em suas águas. A manchete do *Correio de Aracaju* provocava consternação: “Estão sepultadas no bojo do ‘Anibal Benevolo’ mais de 30 crianças”<sup>XXX</sup>.

E a culpa ao outro, ao forasteiro, ao estrangeiro, emergiu em jornais, comícios, discursos, batidas policiais e até mesmo em versos: “Só mesmo fuzilamento/ao tal alemão audaz/afinador de pianos/dos reinos de Satanaz (sic)/ da casa do seu Antão/um palavra de arcabuz/chama de judeu cretino/um coração de Jesus”, dizia o poema, assinado por um certo “Enio”, e publicado em 15 de outubro de 1942 na coluna social da *Folha da Manhã*<sup>XXXI</sup>. A personagem central era Herbert Merby, um alemão consertador de pianos.

Entretanto, a violência contra os estrangeiros, os “súditos do Eixo”, não se restringiu a palavras<sup>XXXII</sup>. As manifestações ou “vibrações cívicas”, como denominou um periódico local, ocorreram na região central de Aracaju, na Praça Fausto Cardoso. Tentando evitar ser alvo da turba reunida nas imediações do Hotel Marozzi, seu proprietário, o italiano Augusto Marozzi,

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

apareceu na janela do prédio enrolado em uma bandeira do Brasil<sup>XXXIII</sup>. A aproximadamente 100 metros dali, residia o comerciante Nicola Mandarino, também italiano e que teve menor sorte.

A casa de Mandarino era um imóvel suntuoso, próximo à Catedral Metropolitana. A antena radiofônica que saía da torre da residência alimentou boatos de que o italiano estava repassando as informações das chegadas e saídas dos navios em Sergipe para os submarinos. Da praça Fausto Cardoso, parte dos manifestantes se dirigiu à moradia de Mandarino e decidiu revidar os torpedeamentos com depredação, incêndio e violência contra a sua família, que foi retirada às pressas da casa pela polícia. Conforme noticiou *O Nordeste*:

[...] este povo, ontem numa verdadeira demonstração do patriotismo e sentimento cristão em sinal de protesto contra o derramamento do sangue de nossos irmãos impiedosamente sacrificado no fundo das águas, penetrava nalguma das “celulas” quinta-colunistas que constituíam o quartel general, entre elas a do estrangeiro Nicola Mandarino, onde encontraram armamentos proibidos bem com estações transmissoras e receptoras além de bombas perigosas, gaz (sic) lacrimante e outros apetrechos de guerra<sup>XXXIV</sup>.

Atacado por “patriotas” e “cristãos” violentos, o italiano, nascido em Vibonati, Salerno, no dia 19 de junho de 1883, acabaria atrás das grades. Sua vida profissional esteve voltada ao comércio, principalmente em Aracaju e Itaporanga d’Ajuda (município do leste sergipano, a 30km da capital) onde era proprietário da fazenda Iolanda. Foi proprietário de uma grande madeireira, de um armazém de tecidos, de uma fábrica de sabão entre outros. E não só a casa do italiano foi depredada, seus pontos comerciais também foram atacados pelos manifestantes<sup>XXXV</sup>. Na leitura feita pelos cidadãos revoltados, Mandarino integrava o grupo de estrangeiros que deveriam ser punidos pelos ataques ao Brasil. Mas quem fazia parte desse grupo em Sergipe?

A população de estrangeiros era pequena e a lista do Chefe de Polícia comporta um quantitativo total de 24 depoentes. Entre eles estavam pessoas como: Otto Apenburg (alemão), Otto Karl Weide (alemão), Kurt Michel (tcheco). Carlos Satter (austríaco), Vicente Fischina (italiano), Nicola Mandarino (italiano), Herbert Merby (alemão) e Rudolf Von Doehen (alemão). Do pequeno contingente, apenas os Mandarino e Merby apresentaram motivos para preocupações. Porém, antes de tratarmos deles, vejamos como alguns dos outros estrangeiros reagiram à acusação de traição e participação na Quinta Coluna.

Rudolf Von Doehen declarou em seu depoimento que:

quando a Guerra começou, para orientar alguns amigos sobre a geografia da Europa, mostrava um atlas geográfico e discutia guerra; mas depois que a situação do Brasil se concretizou, entrando na guerra, deixou de mostrar mapas e de discutir<sup>XXXVI</sup>.

Von Doehen declarou também não ser contrário ao nazismo. Conforme o relatório do Chefe de Polícia: “acha que ele [o regime nazista] pode dar resultados benéficos para a Alemanha”<sup>XXXVII</sup>. Ele não foi o único a se manifestar sobre o nazismo. Mas, ao contrário dele,

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

Otto Apenburg criticou o fascismo alemão classificando-o como “uma praga para o mundo”. Provavelmente pesando as palavras, afirmou ainda que não apoiava o comunismo “porque ele elimina o indivíduo”<sup>XXXVIII</sup>.

Outro estrangeiro, Kurt Michel, revelou não acreditar na culpa alemã no torpedeamento. Empregado na Fábrica de Tecidos São Gonçalo, o tcheco defendeu que os alemães não matavam crianças e tal prática não correspondia ao “sentido de honra do soldado alemão”. Michel, assim como fizera o seu colega alemão Otto Weide, chefe da seção de eletricidade da mesma fábrica, escreveu uma declaração ao Delegado de Polícia e ao Prefeito de São Cristóvão. Essa estratégia de produzir um documento escrito e “espontâneo” foi compartilhada entre cidadãos estrangeiros residentes no Brasil.

Batidas policiais nas propriedades de Nicola Mandarino encontraram armamentos, explosivos e material propagandístico<sup>XXXIX</sup>. Além do retrato de Hitler, o italiano teve dificuldades para explicar a origem e finalidade do material apreendido: 456 cartuchos de guerra ogivais, 1402 balas de rifles, 75 cartuchos de guerra pontiagudos e 19 bananas de dinamite. Mandarino era conhecido por suas manifestações de apreço ao seu país de origem, às armas alemãs, mas também pela “roda de gente” que costumava cercá-lo: “súditos extremados do Eixo e antigos e extremados partidários do Integralismo”, observou o Chefe de Polícia.

Já o alemão Herbert Merby não ofereceu provas materiais, mas seu comportamento foi considerado “contrário aos interesses da segurança do Brasil”. Descrito como “irreverente, incrédulo e mal educado”, Merby trabalhava como consertador de pianos. O Chefe Santiago escreveu: “em cada casa que ia concertar (sic) piano, deixava sempre a marca de sua suspeita”. Certa vez, ao olhar para o quadro do Coração de Jesus na casa de um certo Roldão Frago, no centro de Aracaju, disparou: “-Tire esse judeu cretino da parede!”. Segundo Santiago, “suas mais íntimas relações eram com o senhor Nicola Mandarino”. Ao saber que o italiano teve a casa invadida pela população, Merby ficou furioso. Na ocasião, a cliente que ele atendia quando soube da notícia, pediu que ele controlasse a cólera e foi surpreendida com a resposta ríspida: “- A senhora sabe o que é um alemão?”.

Diferentes narrativas em torno das ações de Merby e dos negócios de Mandarino e outros estrangeiros circulavam pelas praças, cafés, bares e repartições públicas. Como corolário da indignação provocada pelos torpedeamentos, eles findaram sendo presos ainda em 16 de agosto de 1942. No entanto, enquanto o italiano foi libertado seis meses depois e retornou às suas atividades, o alemão somente ficou livre após mais de um ano no cárcere. E sob a condição de ter que sair de Sergipe. Contudo, além de que era alguém mal-educado e falastrão, nada foi provado contra Merby.

Mas, mesmo sendo alvos privilegiados, os estrangeiros não eram os únicos a preocupar as autoridades naqueles dias de Guerra. O temor de que “um ataque aéreo lançado por aviões isolados, partindo de submarinos do ‘Eixo’” atingisse Aracaju e outras cidades sergipanas<sup>XL</sup> levava a Polícia a varrer todas as possibilidades em um cotidiano no qual suspeitas floresciam a cada movimento. Consequentemente a *Quinta-Coluna* precisava ser combatida.

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

Por conta disso, reuniões em lugares mal iluminados, a exemplo da zona da Draga do Porto perto do Trapiche Brown, levantavam questionamentos. O que faziam políticos e negociantes por ali, no meio da noite? Em depoimento à Polícia, um certo Pedro Alcântara de Oliveira Neto disse ter visto alguns parlamentares seguirem “pela sapata lateral do trapiche” para encontros noturnos. No entendimento do Chefe de Polícia, o objetivo seria manter articulada a *Quinta Coluna* em Sergipe. Para Enoch Santiago, os integralistas não haviam desaparecido. E era possível até indicar um ponto de encontro de simpatizantes: o *Salão Recorde*, na Rua João Pessoa, centro de Aracaju<sup>XLII</sup>.

Conforme Santiago, o apoio declarado dos suspeitos a Vargas estava baseado tão somente em princípios integralistas que “eles não abandonaram e conservam com o maior carinho”, lembrou. Embora as reuniões junto à Draga não tenham sido comprovadas pelas autoridades, o próprio Chefe de Polícia admitiu que elas poderiam ocorrer também em pontos móveis, de forma a dificultar a vigilância. Nenhum dos interrogados confirmou ter visto coisa alguma: “a Polícia intimou o pessoal da Draga, o vigia das Obras, e todos declararam ser inexato”<sup>XLII</sup>.

Os relatórios policiais se mostraram inconclusos. Por falta de provas, inocentaram a maioria dos acusados. A única certeza, naqueles dias, era a de que a guerra havia levado centenas de mortos às praias sergipanas. Os torpedeamentos de navios brasileiros entre as costas da Bahia e Sergipe, em agosto de 1942, promoveram a experiência da guerra, não mais como uma realidade distante, observada apenas nas páginas dos jornais, revistas ou nos filmes exibidos nos cinemas de Aracaju<sup>XLIII</sup>.

E para a capital do menor estado brasileiro, os tempos de guerra foram difíceis. O aracajuano teve que adaptar seu cotidiano às novas diretrizes impostas pelo conflito e conviveu com as notícias, as prisões, e com os muitos boatos que, junto com os corpos e destroços, chegaram às praias sergipanas. Por sua vez, para a pequena parcela de cidadãos estrangeiros em Sergipe, os problemas foram de diversas ordens. É importante observar que a maioria deles demonstrava viver no país há mais de uma década, além de serem casados com brasileiras e haverem constituído família aqui. Este fato certamente diminuiu a nuvem de suspeitas sobre aqueles mais discretos. Aparentemente, apenas em casos de exaltados como Herbert Merby e Nicola Mandarino a desconfiança foi mais intensa e provocou atitudes mais incisivas.

No entanto, apesar de toda a confusão e dos diversos boatos, os relatórios produzidos pelo Chefe de Polícia Enoque Santiago não consideraram plausível a existência de um suporte logístico aos ataques de agosto de 1942. Em meio a tudo isso, merecem destaque as estratégias similares utilizadas por alguns estrangeiros para se defenderem (por declaração impressa, endereçada a alguma autoridade e à Imprensa), a sua negação de qualquer relação com o país de origem, bem como a rede de solidariedade estabelecida entre integralistas em Sergipe. Apesar do fim oficial do movimento, os “camisas verdes” locais demonstravam estar prontos para um retorno assim que as condições fossem favoráveis.

Mas seria possível explicar os torpedeamentos? Os relatos se acumularam em torno dos ataques daquele mês de agosto de 1942. Informações desencontradas alimentaram

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

desconfiança. Por um lado, um problema no serviço de abastecimento de água destinado às embarcações, ainda em Salvador<sup>XLIV</sup>, despertou suspeitas. O defeito apareceu no dia 14, impedindo a saída de navios de Salvador. Somente na manhã do dia 15, e em pequenos intervalos, os navios puderam partir na seguinte ordem: 7h - Baependy, 11h - Araraquara, 12h – Aníbal Benévolo, 15h - Arará, 17h - Itagiba. A reordenação nas saídas e o problema inesperado, levantaram suspeitas sobre um possível apoio logístico de “súditos do Eixo” aos ataques: “seria necessária a mais ingênua boa vontade, e, mesmo, parcialidade (...) tal acordo de coincidências”, criticou uma publicação ao abordar os ataques<sup>XLV</sup>.

Ao analisar parte da documentação sobre o acontecimento, ao menos aquela acessível nos arquivos sergipanos, percebemos a distância entre os ataques e as suas apropriações por políticos, jornalistas e, *a posteriori*, memorialistas. Concebidos pela *Kriegsmarine* como parte de uma ampla estratégia<sup>XLVI</sup> que visava atingir aos Aliados, comprometendo o abastecimento das nações envolvidas no conflito, os torpedeamentos de agosto de 1942 foram transformados em uma ação arquitetada, em seus mínimos detalhes, para atingir aos navios mercantes que passavam próximo a Sergipe. Talvez por isso, os estudos sobre o tema têm fornecido uma visão demasiadamente local do problema. Contudo, a guerra, com suas desgraças incontáveis, foi mundial.

Divulgados em colunas sociais e páginas policiais, os boatos em torno das ações de Merby e dos negócios de Mandarino e outros estrangeiros circulavam pelas praças, cafés, bares, barbearias e repartições públicas. Nas praias, pretensos patriotas como Nelson de Rubina saqueavam corpos, enquanto possíveis integralistas, sob a vigilância do Chefe de Polícia, tratavam de sair de cena. Dos ares, jovens como Lourival Bomfim e seus parceiros identificavam o desastre, confirmando a materialização da Guerra.

Estrangeiros, náufragos, patriotas, comunistas, saqueadores, quinta-colunas e heróis... Todos esses personagens se misturaram numa intrincada rede de sociabilidades. Os torpedeamentos e seus desdobramentos desenham traços das transformações na vida cotidiana, mas também de acomodações ao contexto político. Os tempos de Guerra oferecem a possibilidade de analisar as alternativas encontradas por determinados grupos para se adaptarem e sobreviverem a um contexto em que a xenofobia, o nacionalismo exacerbado, a violência justificada em nome do *ethos* “cristão”, ganharam força após um ato de guerra e a necessidade de, antes mesmo entender o problema, prontamente eleger culpados.

Cabe ressaltar que o silêncio persistente sobre os saques e a leitura quase monolítica da sociedade sergipana nos dias dos torpedeamentos exigem pesquisas mais amplas, pedem novos mergulhos nos arquivos. Com isso, personagens, lugares e acontecimentos podem ganhar contornos inéditos, estabelecendo novos problemas à pesquisa, instigando interpretações renovadas em um processo que tende a resultar em uma análise mais densa e inovadora. No caso aqui analisado, é fundamental problematizar como as tensões mundiais pela proximidade e efetivação do conflito, bem como os ataques nas costas nacionais – com especial atenção para Sergipe – influenciaram as sociabilidades, alimentaram preconceitos, instigaram revoltas, boatos e alteraram a vida da gente comum.

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

## Notas

<sup>I</sup> Dilton Cândido Santos Maynard is Associate Professor in the Department of History at the Federal University of Sergipe where his part of the National Professional Master Program “ProfHistória” in History Teaching, section Sergipe. He is currently holding the position of Dean of Faculty Studies (2017-2020). Maynard specialised in the history of Brazilian Republic, with a dissertation on radio broadcasting during the Dictatorship period known as Estado Novo. In the early 2000’s, Maynard started his research on the history of the internet, later on developing pioneering studies on Digital History in Brazil. Alongside his academic activities, Maynard worked as an advisor and national coordinator of the Brazilian Textbooks Evaluation Program, from 2008 to 2017, in the last five years being responsible by the first evaluations of Digital Educational Objects – the first digital didactics material in Brazil. Maynard’s Estudos sobre a História e a Internet (Luminária Academia, 2011) became an important reference in Brazil early years of research on Digital History. Maynard’s website “Memórias Segunda Guerra” on WWII won the Funarte Award for Cultural Production for the Internet in the year of 2011. Since 2012, Maynard is a guest Professor at the Post Graduate Program for Comparative History in the Federal University of History, in the research axe Power and Institutions. Currently is the Dean of Graduation Studies at the Federal University of Sergipe, Brazil. Grants of productive from CNPq/Brazil. E-mail: dilton@getempo.org

<sup>II</sup> Idem.

<sup>III</sup> MAYNARD, Dilton. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: Silva, Francisco C., SCHURSTER, Karl. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p.309-338. MAYNARD, Andreza S. C.; MAYNARD, Dilton C. S. Dias de luta: Sergipe na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, São Cristóvão (SE), Campina Grande (PB): Multifoco/EDUFS/EDUFCG, 2011.

<sup>IV</sup> Elísio GOMES FILHO, “U-507: um estudo interpretativo das ações de um submarino alemão nas águas do Brasil”. *Navigator*, n.3, v.2, junho 2006, p.56-71.

<sup>V</sup> Sobre isso consultar: PEREIRA, Durval L. **Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>VI</sup> Eis os quantitativos dos ocupantes dos navios: Aníbal Benévolo: 154 ocupantes, sendo 71 tripulantes e 83 passageiros; Arara: 35 tripulantes; Araraquara: 146 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 73 passageiros; Baependy: 323 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 250 passageiros; Itagiba: 179 ocupantes, sendo 60 tripulantes e 119 passageiros. Cf. **AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.

<sup>VII</sup> SANTANA Santos. “**O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe**” in Aracaju dos meus amores. Aracaju: PMA/SEC, 1983, p.81-85. Ver ainda: CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.128. Consultar também o **Inquérito Policial Militar** sobre os torpedeamentos promovido pela 6a. Região Militar. Salvador, agosto de 1942. Disponível no acervo do Arquivo Histórico do Exército.

<sup>VIII</sup> Elísio GOMES FILHO, “U-507: um estudo interpretativo das ações de um submarino alemão nas águas do Brasil”. *Navigator*, n.3, v.2, junho 2006, p.56-71.

<sup>IX</sup> Santos. SANTANA. “O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe”. *Aracaju dos meus amores*. Aracaju: PMA/SEC, 1983, p.81-85

<sup>X</sup> Mário CABRAL. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.128

<sup>XI</sup> “Aeroclube de Aracaju”. *Correio de Aracaju*, 07 mar. 1939

<sup>XII</sup> MAYNARD GOMES, Augusto. **Telegrama**. Aracaju, 18 de agosto 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

<sup>XIII</sup> **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942.

<sup>XIV</sup> FONTES, Lourival. **Telegrama**. Rio de Janeiro 5 abril 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe. Cx. G7.

<sup>XV</sup> Horácio Nelson Bittencourt foi ouvido na Penitenciária Modelo do Estado de Sergipe. Em seu depoimento, declarou ser brasileiro, natural de Maruim, com 39 anos, filho de Horácio Nelson Bittencourt e dona Rubina Santos, casado e comerciante residente na rua Maruim, nº 51, em Aracaju, sabendo ler e escrever. TRIBUNAL DE APELAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE. Apelação Criminal n.4/1943.

<sup>XVI</sup> Nelson Bittencourt foi enquadrado nos Artigos 155 e 212 do Código Penal isto é, foi acusado de furto e de vilipêndio de cadáveres. Conforme o jornal *A Razão* (1942), o saque realizado pelo rapaz que se declarou “comerciante” não foi ato isolado: “os praianos pobres, não todos queremos crer, afluem ao mar para recolher o material que se vai aproximando de terra. Estão se verificando cenas incríveis de furtos na carga dos navios torpedeados”. TRIBUNAL DE APELAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE. Apelação Criminal n.4/1943.

<sup>XVII</sup> **Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942)**. Cadáver Nº 22. APES. Doc. 55.

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

<sup>xviii</sup> Cf. **Diário Oficial da União**. Seção 1. 17 Nov. 1948, p.17.

<sup>xix</sup> Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943.

<sup>xx</sup> Maria Martinha Araújo. **Depoimento**. In: CARVALHO, Rubens. U-507. Sergipe, 2008. 15min.

<sup>xxi</sup> “A cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, ficará às escuras todas as noites, e qualquer pessoa nas ruas após as 11 horas será presa”. Todas as traduções livres apresentadas em nota de rodapé foram realizadas pelo autor. US tanker reported sunk. **The New York Times**. August 25, 1942. Os torpedeamentos são notícia em outras edições do *New York Times*, a saber: 5 BRAZILIAN ships. **The New York Times**. August 18, 1942. BRAZILIAN losses total 19. **The New York Times**. August 18, 1942; 7 U-BOATS reported bombed off Brazil. **The New York Times**. August 20, 1942.

<sup>xxii</sup> “As duas entradas da nação na guerra divergiram em um ponto importante. Em 1917, a declaração de guerra foi votada pelo Congresso. O Presidente Vargas, que o aboliu, tomou a decisão ele próprio”. HEMISPHERIC Unit for Allies boltered by Brazil at war. **Newsweek**. 08/31/1942.p.37

<sup>xxiii</sup> “Como os outros países das Américas, ele se sentiu vivamente comovido e profundamente indignado diante do ataque imprudente e premeditado de submarinos alemães ao comboio de navios mercantes brasileiros, que navegavam em tranquila viagem territorial do Brasil, muito próxima da costa”. SOLIDARIDAD cone l Brasil. **El Telégrafo**. Guayaquil, 21 de agosto de 1942

<sup>xxiv</sup> “os americanos descreveram as perdas como o Pearl Harbor do Brasil, e essa comparação foi exata”. Neill Lochery. **Brazil: fortunes of War**. New York: Basic Books, 2014.p.156

<sup>xxv</sup> “para a maioria dos sul-americanos, o ataque a Pearl Harbor foi um assunto distante. Mas os ataques ao transporte marítimo do Brasil levaram a guerra às portas de sua vizinhança. O Brasil é o baluarte da América do Sul na costa”. LINDLEY, Ernest. Brazil’s action shows confidence in United Nations. **The Chicago Sun**. 24 de agosto de 1942.

<sup>xxvi</sup> “O afundamento desses cinco navios mercantes não é apenas uma manifestação dos sistemas nazistas; mas constitui uma ação direta de guerra, com a qual parece que a Alemanha inicia uma beligerância franca e indistinta contra as nações da América do Sul”. **El Telégrafo**. Guayaquil, 21 de agosto de 1942

<sup>xxvii</sup> O Estado Novo e o dever da Imprensa. **O Nordeste**. 03 de setembro de 1942, p.01.

<sup>xxviii</sup> “Seus navios, envolvidos no comércio marítimo, foram torpedeados ao largo de suas costas. Muitos brasileiros foram mortos nesses ataques. Espiões e agentes do Eixo estão conspirando no próprio território brasileiro e causando problemas para o Brasil e aos seus amigos”. **New Orleans State**. August 25, 1942.

<sup>xxix</sup> Enoch SANTIAGO. *Cópia do relatório feito pelo doutor Enoch Santiago, no inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex- integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi- fascistas*. Aracaju, 22 de dezembro de 1942. p. 01-16.

<sup>xxx</sup> ESTÃO sepultadas no bojo do ‘Anibal Benevolo’ mais de 30 crianças. **Correio de Aracaju**, 21 de agosto de 1942, p.01

<sup>xxxi</sup> Enio. **Folha da Manhã**. 15 out.1942.p.4 (Setas e Flechas).

<sup>xxxii</sup> Os ataques, que em tão pouco tempo ceifaram centenas de vidas, traziam o horror da guerra para o cotidiano dos aracajuanos, a brutalidade da guerra registrada nas praias sergipanas alimentou o sentimento de revolta e indignação da população, que saiu às ruas em busca de vingança. Aracaju não foi um caso isolado, há registros de revoltas no Rio de Janeiro, Recife, São Luís, João Pessoa, Fortaleza, Porto Alegre, São Paulo etc. É possível identificar duas características comuns aos chamados “Comício de Desagravo”: o pedido para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo e os atos de violência praticados contra os estrangeiros do Eixo residentes no Brasil, SÁ, Flávia (org). *Nordeste do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Ed. 02. LCTE Editora. 2019.

<sup>xxxiii</sup> CHAVES, 2004. p.82. *Apud* CRUZ, 2012. p. 85.

<sup>xxxiv</sup> CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarinino transformado em quartel general da quinta coluna. **O Nordeste**, 18 de agosto de 1942, p.03 n.144.

<sup>xxxv</sup> CRUZ, *op. cit.* p.174.

<sup>xxxvi</sup> Enoch SANTIAGO. “O que se apurou das atividades eixistas em Sergipe- o relatório do chefe de polícia”. *Correio de Aracaju*. 16 out. 1942.p.02-03.

<sup>xxxvii</sup> Enoch SANTIAGO. “O que se apurou das atividades eixistas em Sergipe- o relatório do chefe de polícia”. *Correio de Aracaju*. 16 out. 1942.p.02-03.

<sup>xxxviii</sup> Idem

<sup>xxxix</sup> Idem.

<sup>xl</sup> *Folha da Manhã*. 11 mai. 1943.p.2

<sup>xli</sup> Enoch SANTIAGO. *Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi-fascistas*. Aracaju, 22 de dezembro de 1942.

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

<sup>XLII</sup> Enoch SANTIAGO. *Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi-fascistas*. Aracaju, 22 de dezembro de 1942.p.4

<sup>XLIII</sup> Nesse contexto, podemos destacar como referência de compreensão de tal processo, o exposto na tese de Andreza Santos Cruz Maynard, intitulada “De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)” (2013), na qual a autora explana sobre alguns filmes de produção internacional e que tiveram grande circulação em Aracaju. Em seu trabalho, Maynard (2013) nos recorda que a partir de 1942, muitas foram as produções cinematográficas projetadas na cidade. Esse momento é significativo, devido ao contexto histórico ao qual o Brasil está situado, pois, foi a partir do ataque a Pearl Harbor, que o Brasil se afiniza aos anseios dos aliados. Dessa forma, destacamos alguns dos filmes que foram exibidos por cinemas aracajuanos: *Confissões de um Espião Nazista* (1939), *Tempestades d’Alma* (1940), *O Grande Ditador* (1940), *Casei-me com um nazista* (1940), *Quatro Filhos* (1940), *Fuga* (1940), *O homem que quis matar Hitler* (1941), *E as luzes brilharão outra vez* (1942), *Ser ou não ser* (1942), *Era uma lua de mel* (1942), *Nossos Mortos Serão Vingados* (1942), *Casablanca* (1942), *Noites sem lua* (1943), *Cinco Covas no Egito* (1943), *Sargento Imortal* (1943), *Os filhos de Hitler* (1943), *A estranha morte de Adolf Hitler* (1943). Sobre isso ver: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2013.

<sup>XLIV</sup> Sobre a Bahia na Segunda Guerra consultar: SAMPAIO, C. N. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador: Academia de Letras da Bahia, nº 42, março 1996; BARRETO NETO, Raul Coelho. **Flores ao Mar**: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Salvador: Press color, 2006; ROBATTO, Sonia. **Pé de Guerra**. Memórias de uma menina na guerra da Bahia. São Paulo: Editora 34, 1996; SANTANA, Geferson. **Barulhos de Guerra**: produção historiográfica baiana sobre a Segunda Guerra Mundial na Bahia (1939-45) In: VI Encontro Estadual de História, 2013, Ilhéus. **Anais Eletrônicos: VI Encontro Estadual de História**, 2013.

<sup>XLV</sup> Como ocorreram os cinco torpedeamentos. In: **Agressão**: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.

<sup>XLVI</sup> O ataque do U-507 é cuidadosamente analisado por Durval Lourenço Pereira que, alias, levanta a hipótese de que o Comandante do submarino tenha tomado a decisão de atacar as embarcações brasileiras sem consultas mais atentas a seus superiores. Sobre isto ver: PEREIRA, Durval L. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

## Referências

### Bibliografia

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. **Tese de doutorado**. (2013)

BARRETO NETO, Raul Coelho. **Flores ao Mar**: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Salvador: Press color, 2006

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955

CARVALHO, Rubens. **U-507**. Sergipe, 2008.

Cf. **AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943

CHAVES, 2004. p.82. *Apud* CRUZ, 2012

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

---

GOMES FILHO, Elísio. “U-507: um estudo interpretativo das ações de um submarino alemão nas águas do Brasil”. *Navigator*, n.3, v.2, junho 2006.

MAYNARD, Dilton. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: Silva, Francisco C., SCHURSTER, Karl. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p.309-338. MAYNARD, Andreza S. C.; MAYNARD, Dilton C. S. Dias de luta: Sergipe na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, São Cristóvão (SE), Campina Grande (PB): Multifoco/EDUFS/EDUFCG, 2011.

LOCHERY, Neill. **Brazil: fortunes of War**. New York: Basic Books, 2014

PEREIRA, Durval L. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Durval L. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

ROBATTO, Sonia. **Pé de Guerra**. Memórias de uma menina na guerra da Bahia. São Paulo: Editora 34, 1996

SÁ, Flávia (org). **Nordeste do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Ed. 02. LCTE Editora. 2019.

SAMPAIO, C. N. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador: Academia de Letras da Bahia, n° 42, março 1996

SANTANA Santos. “**O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe**” in Aracaju dos meus amores. Aracaju: PMA/SEC, 1983.

SANTANA, Geferson. **Barulhos de Guerra**: produção historiográfica baiana sobre a Segunda Guerra Mundial na Bahia (1939-45) In: VI Encontro Estadual de História, 2013, Ilhéus. **Anais Eletrônicos: VI Encontro Estadual de História**, 2013

Santos. SANTANA. “O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe”. *Aracaju dos meus amores*. Aracaju:PMA/SEC, 1983.

## Fontes

Aeroclube de Aracaju. **Correio de Aracaju**, 07 mar. 1939.

BRAZILIAN losses total 19. **The New York Times**. August 18, 1942; 7 U-BOATS reported bombed off Brazil. **The New York Times**. August 20, 1942.

Cf. **Diário Oficial da União**. Seção 1. 17 Nov. 1948, p.17.

A SEGUNDA GUERRA NO MAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATAQUES SUBMARINOS  
ENTRE BAHIA E SERGIPE EM AGOSTO DE 1942

MAYNARD. D. C. S.

---

**El Telégrafo.** Guayaquil, 21 de agosto de 1942

Enio. **Folha da Manhã.** 15 out.1942.

Enoch SANTIAGO. “O que se apurou das atividades eixistas em Sergipe- o relatório do chefe de polícia”. *Correio de Aracaju.* 16 out. 1942

Enoch SANTIAGO. *Cópia do relatório feito pelo doutor Enoch Santiago, no inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex- integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi- fascistas.* Aracaju, 22 de dezembro de 1942

Enoch SANTIAGO. *Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi-fascistas.* Aracaju, 22 de dezembro de 1942

FONTES, Lourival. **Telegrama.** Rio de Janeiro 5 abril 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe. Cx. G7.

HEMISPHERIC Unit for Allies boltered by Brazil at war. **Newsweek.** 08/31/1942.p.37

Maria Martinha Araújo. **Depoimento.** In: CARVALHO, Rubens. U-507. Sergipe, 2008.

MAYNARD GOMES, Augusto. **Telegrama.** Aracaju, 18 de agosto 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

O Estado Novo e o dever da Imprensa. **O Nordeste.** 03 de setembro de 1942

**O Nordeste,** 18 de agosto de 1942

**Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).** Cadáver N° 22. APES. Doc. 55.

SOLIDARIDAD cone l Brasil. **El Telégrafo.** Guayaquil, 21 de agosto de 1942.

TRIBUNAL DE APELAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE. Apelação Criminal n.4/1943.

US tanker reported sunc. **The New York Times.** August 25, 1942. Os torpedeamentos são notícia em outras edições do *New York Times*, a saber: 5 BRAZILIAN ships. **The New York Times.** August 18, 1942.